

Editorial

O reino dos fins ou o reino dos meios?



Marco Antonio Guimarães da Silva
marco@atlanticaedu.com.br

No conto *A Cartomante*, Machado de Assis soube, como ninguém, criar uma atmosfera onde a ingenuidade, a malícia, a sinceridade e hipocrisia nos são trazidas através de uma narrativa onisciente que usa intertextualizações literárias.

Se tivesse que estruturar um conto ou uma novela amparada na assistência que a humanidade dá às vítimas de grandes catástrofes, utilizaria esses mesmos quatro ingredientes que Machado utilizou em seu conto: a ingenuidade, a malícia, a sinceridade e a hipocrisia. Os meus personagens estariam assim caracterizados.

O personagem ingênuo vestiria a camisa dos que acham que todas as pessoas prestam a solidariedade, movidas pelo desejo puro e simples de ajudar o semelhante. O personagem sincero faria homenagem àqueles cujas ações são o resultado da mais pura bondade. Os personagens hipócritas e maldosos estariam destinados para os que se valem da situação para tirar proveito próprio.

A história estaria ambientada no terremoto que vitimou milhares de haitianos e mobilizou vários países, que imediatamente providenciaram os mais diversos tipos de auxílio.

Prestaria especial atenção na intervenção dos Estados Unidos, seja porque ainda são o país mais poderoso do universo, seja porque impuseram uma série de medidas restritivas à mobilidade de outros países que também se propuseram a prestar solidariedade e ajuda.

Para a imprensa a rápida intervenção do Tio Sam teria sido para apagar da memória dos americanos o tardio auxílio que o governo Bush ofereceu às vítimas do Katrina, furacão que vitimou e tirou do mapa turístico a cidade de Nova Orleans. Tal fato não poderia ser desprezado.

Para dar um substrato filosófico a minha história começaria a refletir sobre os motivos que nos levam nesses momentos a fazer o bem, desenvolvendo ações minimizadoras dos sofrimentos de povos atingidos por catástrofes.

Buscaria apoio em *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, onde Kant diz: as leis regem a natureza, mas as nossas vontades são regidas pelos nossos princípios. Para Kant, na natureza cada coisa atua seguindo certas leis. A vontade seria uma razão prática que obedece a certos imperativos e dá ao ser racional a faculdade de operar essas leis. Esses imperativos podem ser categóricos ou hipotéticos. Se a ação é boa somente como meio para uma outra coisa, o imperativo é hipotético, mas se a ação é boa em si o imperativo é categórico. O único imperativo moral é o categórico, porque é o único que atua por dever. Das quatro formulações que Kant faz para o imperativo categórico a mais famosa é: Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal. No entanto, a que mais conviria para o meu conto seria a formulação que ele faz a seguir: O reino dos fins é o único que possui dignidade que vale para todos os homens. Neste reino o homem tem valor em si mesmo e não segundo as suas exclusivas e providenciais circunstâncias. O reino dos fins é instaurado pela boa vontade, por uma vontade pura, desinteressada e não corrompida por inclinações.

No conto de Machado a intertextualidade é feita com *Hamlet*, de Shakespeare, através da conversa entre Rita e Camilo. No meu conto haveria, dado a natureza da questão, uma remissão para Baudelaire, Flaubert e Rubens Fonseca.

Não me atrevo a seguir adiante, com receio de linchamento em praça pública, mas se você, querido leitor, quiser saber como eu encaminharia e finalizaria o meu conto, leia ou releia *Flores do Mal*, *Madame Bovary* e *Feliz Ano Novo*.